REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 209

11 DE OUTUBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma trovoada e um eclipse, tem hoje a chronica a registrar entre as novidades mais surprehendentes d'estas ultimas noutes. Dois espectaculos baratissimos, ambos de bello effeito, dignos, os dois, da palheta universal do Creador. O primeiro não se fez annunciar pelos sabios, mas nem por isso foi menor o seu effeito; colheu-nos de surpreza com todo um cortejo de nuvens escuras, tenebrosas, de faiscas brilhantes cujas scintillações electricas devem ter feito morder de inveja todos os successores de James Pain. Logo ao anoutecer os relampagos começaram a sibilar fortemente, atravez do espaço, n'uma continuidade que chegava a incommodar a vista; os raios cahiam perto, ouvindo-se nitidamente o seu estrondo, superior ao troar de todos os canhões Krupp até agora inventados; e a atmosphera, pesada, ameaçadora, inundava a terra de um calor abafadiço como que se tivessem fechado todas as portas gigantescas do globo terrestre.

O aspecto que então apresentava aos nossos olhos o horizonte, era dos mais magestosos, duplamente grande pelo terror que infundia a abundancia de electricidade pairando sobre a capital, e produzindo de minuto a minuto as mais extravagantes transformações de côr e de som.

Quanto ao eclipse foi mais modesto e menos terrivel. Ponctualissimo como um inglez, o phenomeno celeste appareceu exactamente á hora em que os astrologos tinham dito que o disco circular da lua principiaria a perder a sua fórma. Durou perto de hora e meia, occultando totalmente o astro até que um raio de luz illuminou a lua, avistando-se então de novo o disco luminoso. Primorosa mutação á vista, de uma nitidez perceptivel!

E entre essa trovoada e este eclipse, a vida theatral começou a animar-se com o regresso de algumas andorinhas de vestidos de *pompadour*, fugidas ao Tejo, e com o apparecimento de umas peças novas nos palcos do Gymnasio e de D. Maria. A lua reina ainda em toda a sua magestosa pallidez por sobre as nossas cabeças, o sol continua despejando os seus raios quentes, mas o outomno elegante vae seu fim, porque os theatros abrem e as praias ficam desertas. Quem se presa compra bilhete para os *prémières*, assigna para a Judic, prepara o ouvido para as noutes lyricas do sr. Valdez, e justo é que a Chronica os acompanhe n'esse reboliço theatral, começando hoje por dar conta dos *Mosquitos por cordas* e de *Um romance parisiense*, as duas peças da actualidade, e o que é mais da moda.

A primeira é uma comedia em tres actos que Eduardo Garrido arrancou ao velho reportorio hespanhol—que por seu turno a descobrira em um acto francez — preparando com uma habilidade só propria de quem conhece a fundo o seu *métier*, as scenas mais complicadas e mais comicas que podem germinar n'um cerebro que tem talento a valer e graça para dar e vender. Tres actos admiravelmente representados pelos actores do Gymnasio, com uma veia comica inexgotavel e que deixam no fim da noute o espectador n'uma esplendida disposição de tomar o seu chá e torradas e voltar-se para o outro lado, satisfeitissimo comsigo mesmo, rindo-se ainda ao recordar as phrases que a grande *verve* de Garrido despejou aos molhos por toda a peça. Um *successo* de gargalhada, o unico genero de *successos* que convem ao Gymnasio e que elle póde ter, dado o grande merecimento comico da maioria dos artistas que compõe a sua companhia, alguns dos quaes são, sem favor algum,

A ACTRIZ ANNA JUDIC

distinctissimos actores de comedia, como Valle, Marcellino Franco, Cesar de Lima e outros.

Um romance parisiense, que o actor Antonio Pedro escolheu para a sua festa artistica, nao é só a ultima peça de Feuillet, na escala chroneologica, é-o tambem no merecimento litterario. Sem duvida alguma, a primeira *maneira* do auctor da *Vida de um rapaz pobre*, é a mais notavel, pela concepção vigorosa dos personagens e das situações; querendo transigir um pouco com o gosto da epocha ou com as exigencias da nova escola, Feuillet perde então essas suas duas qualidades como auctor dramatico e n'esta peça resente-se já, como se resentia na *Julia*, a decadencia do seu *savoir faire* theatral; n'uma palavra: um pessimo aproveitamento de todas as situações, onde d'antes o seu talento tão alto brilhava. Para nós o grande deffeito de *Um romance parisiense*, como obra theatral, encontra-se exactamente nas suas maiores bellezas; e que esta opinião não vá parecer paradoxal. Octave Feuillet não soube limitar na sua peça o numero das situações como não limitou, na sua carreira litteraria, o numero das suas obras e por isso no ultimo acto do *Romance parisiense* as situações e os desfechos agglomeram-se com uma velocidade que chega a cançar o espectador, forçando o auctor a despresal-as muitas vezes, não por falta de talento mas por falta de espaço, phrase banal esta, muito conhecida do jornalismo preguiçoso mas a unica, n'este caso, em que se resume o principal deffeito do drama. Talento sobeja-lhe ainda como nos tempos aureos da sua carreira gloriosa, mas falta-lhe o vigor para o poder dominar tal qual como as mulheres bonitas que, começando a avistar o cabo tormentorio dos cincoenta annos, começam tambem a não saber combinar as côres das suas *toilettes* e a disposição da suas joias. É uma questão puramente de gosto e... de edade.

Para o desenlace do drama que necessidade ha, de fazer apparecer novamente no final da peça, de improviso, a Marcella de Targy, quando todos a imaginam já dormindo o ultimo somno no largo fundo do Oceano? E apparecendo esta, como se explica o seu suicidio, que é apenas um contrasenso dado o caracter que o auctor quiz imprimir a esta figura? Comprehende-se facilmente, ainda que o typo de Marcella esteja apenas esboçado, a transformação radical que se opera no seu modo de pensar e no seu modo de sentir, quando a fatalidade — embrulhada n'este caso n'uns bellos tres milhões — a atira de um bello palacio com ricas salas para a nudez de uma casa mal mobilada e pouco confortavel. Admitte-se a resolução repentina que ella toma — depois de uma scena, bem achada, como duas amigas que sem querer, a ferem continuamente no que a mulher tem de mais delicado — a vaidade, e com o Barão de Chevrial o libertino sensual e avarento que de motu pensado vae offerecer-lhe em troca da virtude, um augmento de ordenado para o marido — em abandonar sem saudade, como uma louca faminta de luxo, a familia, a honra, a dignidade para fugir com um tenor que lhe promettera gloria e dinheiro com a mesma semceremonia com que depois lhe havia de prometter pancada. Mas essa mulher que não teve coragem para resistir a todas essas pequeninas miserias do mundo, póde tel-a por acaso para acabar com a vida, unicamente por ser ouvido da bocca do homem que ella não hesitou em sacrificar, enxovalhando o nome e ferindo o amor proprio, a condemnação do seu proceder? Não. Logo matou-se pelo mesmo motivo porque fugiu — porque era uma louca e então os traços realistas com que nos primeiros actos a sua figura está desenhada, bulem espantosamente no final com esse *coup de force* que Feuillet julgou o mais racional para desenlace do drama.

Mulheres como esta, são bem humanas. Encontramol-as infelizmente a cada passo, vemol-as sacrificar tudo pelo luxo, sacrificando algumas vezes tudo, incluindo o proprio luxo, pela vaidade, inebriando-se cegamente na vida facil, unicamente para ouvirem mais á vontade as galanterias de uma noite, galanterias que a propria noite apaga como bolhas de sabão. Não é preciso, por isso, um estudo apurado do personagem para se descobrir n'elle um caracter versatil como ha muitos por esse mundo, e bastava apenas que Virginia tivesse querido empregar, na sua interpretação, um pouco mais de talento para que durante toda a scena com Julien, o espectador percebesse bem claramente a influencia de cada palavra, de cada promessa do engenhoso tenor no animo fraco da infeliz rapariga. E merecia bem esse pequenino trabalho da actriz, o grande merecimento artistico da *Fédora* e da *Princeza de Bagdad!*

O grande papel do *Romance Parisiense* é o typo do Barão, que em Paris foi uma das creações mais notaveis de Saint Germain. Antonio Pedro forçoso é confessal-o, comprehendeu-o mal ou antes não o comprehendeu. E' o verdadeiro typo do homem devasso, sensual, estragado pela doença — uma lesão cardiaca que vae minando a ponco e pouco a sua existencia — mas nunca estragado pelos annos, um *vegete* como o grande actor portuguez o apresentou. Casado com uma rapariga muito nova de quem elle segundo diz, *chegou até a gostar* na sua cega paixão por todas as mulheres, o muito que o auctor lhe podia ter querido dar — seriam cincoenta e tantos annos, e a caracterisação de Antonio Pedro é de um velho de setenta a quem a terrivel doença que o mata de repente no quinto acto, não permittiria com certeza n'essa edade uma tão livre acção de movimentos e de costumes.

Partindo d'este erro, o illustre actor seguiu por um caminho falso na interpretação do seu esplendido typo. Sempre ironico, sobretudo calculista, estas duas qualidades mais salientes deviam transmittir-se sempre na sua dicção e ás suas phrases ligarem-se sempre o sarcasmo e a hypocrisia. Assim por exemplo, quando no terceiro acto, dirige uma censura delicada ás duas amigas de Marcella, obrigando-as a sahir, o espectador pensa ver n'elle um homem indignado conscientemente, quando apenas essa indignação é ironica e foi calculada com o fito de se encontrar a sós com a mulher que tenta seduzir.

Ha no entanto no desempenho de Antonio Pedro uma parte notavel: a scena do quarto acto — a ceia offerecida ás tres primeiras bailarinas da Opera — quando ao levantar-se para brindar á materia, é subitamente accommettido pela doença que o mata. Ahi o seu enorme talento apparece então liberto já das responsabilidades do seu papel porque n'esse momento vê-se apenas o moribundo e não se tenta saber já se elle durante a vida fôra um calculista, um hypocrita ou tão sómente — um pobre diabo! N'essa ultima scena em que o actor tem de appellar apenas para o seu genio artistico, nenhum outro melhor do que Antonio Pedro poderia brilhar, mas chamar-se-ha a isto crear um personagem, apresental-o deante de um publico que o não conhece, obrigando-o a conhecer tal qual o auctor o idealisou?...

O outro papel que figura a par d'este na importancia e portanto na responsabilidade é o da Cocotte, a primeira bailarina da opera em honra da qual o Barão organisa a ceia que o hade matar. Entre nós só uma actriz o podia fazer — Lucinda Simões; qualquer outra apezar de muito boa vontade e de muito talento, encontraria como a distincta actriz que em D. Maria o desempenha, os mesmos embaraços e eguaes infructiferos resultados. Não é culpa sua, é do papel, difficilimo principalmente pela differença que existe entre os nossos meios sociaes e os de Paris, difficuldades que só uma organisação artistica especial ou um talento superior poderia vencer.

Em todo o desempenho d'este drama de Feuillet ha dois papeis realmente bem interpretados com consciencia, com talento e com distincção, o de Henrique Targy — por João Rosa e o da baroneza de Chevrial pela actriz Amelia da Silveira que disse com uma ternura encantadora, a um tempo cheia de respeito e de adoração, toda a scena do 2.º acto, quando declara, constrangida pela vontade do seu avarento marido, acceitar os tres milhões.

A peça está bem posta em scena mas nem as bellas decorações nem o gosto artistico com que está armada a meza, no quarto acto, conseguem dar uma ligeira idéa de uma ceia offerecida por um millionario devasso a bailarinas da Opera, estouvadas, alegres, elegantes e bonitas. Faltam sobretudo as bailarinas porque aquellas pobres creaturas que lá apparecem podem ser realmente umas excellentes pessoas, mas não são com certeza nem estouvadas, nem bonitas, nem elegantes, nem sequer — alegres.

Em Paris, só este acto fez o successo do *Roman Parisien*, entre nós elle só prepara um fiasco, porque lhe falta chic, propriedade e animação, porque aquellas *toilettes* — exceptuando a que a actriz Emilia dos Anjos apresentou, — poderão fazer muita vista nos bailes de Ponte de Lima, mas são reles e são pelintras nos corpos sensuaes e elegantes de bailarinas que arruinam banqueiros e jogam na bolsa.

Verteu para portuguez esta peça Jayme de Seguier o antigo Iriel do jornalismo diario, o poeta brilhante que, como tantos outros trocou ha annos a sua musa pela prosa burocratica dos relatorios consulares.

Em quanto ao enredo da peça, apenas uma pergunta:

— A leitora entregava os tres milhões?

— Eu... não.

João Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANNA JUDIC

É uma biographia curta a da celebre actriz franceza que n'este momento occupa todas as attenções de Lisboa, porque é a historia d'uma vida curta. Anna Judic tem 34 annos de idade e 12 de actriz notavel.

Nascida em Clos Vaugeot, em pleno departamento da Côte d'Or — a região que depois de dar á França o seu melhor vinho, lhe quiz dar tambem a sua mais embriagadora comediante, — em 17 de julho de 1850, Anna Damien, sobrinha de Lemoine Montigny, celebre director do theatro do Gymnasio, apesar de ter uma vocação irresistivel para a scena, apesar de, vencendo as opposições de sua mãe, ter frequentado o conservatorio e aprendido oito annos com Regnier, apesar de tudo isto, Anna Damien teve que esperar até 16 d'abril de 1872 para nascer para a celebridade.

Ainda no conservatorio, onde, diga-se de passagem, foi uma das peiores discipulos, Anna Damien casou com um sr. Judic, e alcançou de seu tio Montigny uma pequena escriptura no Gymnasio. Ahi fez pequenos papeis, sem que ninguem adivinhasse n'ella a actriz extraordinaria de hoje. Só a sua belleza e a sua frescura deram alguma coisa nas vistas: ella fartou-se d'esperar pela notoriedade que não vinha, e, deixando bruscamente o Gymnasio, escripturou-se n'um café concerto, o *Eldorado*, com o brilhante ordenado de 300 francos por mez.

Fez bem. Para todo o artista o primeiro theatro é aquelle em que elle é o primeiro. Judic entrou no *Eldorado* com um triumpho collossal, e durante dois annos foi a estrella d'esse café, obtendo um *successo* persistente, e fazendo uma completa revolução no genero de *Chansonnettes*, criando um genero seu, tão ingenuamente picante, tão differente das brutalidades grosseiras do genero então em voga.

Durante a guerra franco-prussiana, Judic foi para a Belgica, onde cantou com grande *successo*, e onde ganhou em successivos concertos um bom par de *luizes* para os feudos francezes.

De volta da Belgica, Anna Judic entrou nas Folies Bergères, onde passou sem ser apercebida, e foi escripturada para a Gaité, para criar o papel da *Princeza Cunegondes*, do *Roi Carotte*, de Sardou, papel em que pela primeira vez foi notada pela imprensa inteira.

Finalmente da Gaité passou para os Buffes-Parisiens, e foi d'alli, da criação do papel de Molda na *Timbale d'Argent*, em 16 de abril de 1872, que data a celebridade da Judic.

O *successo* foi enorme, collossal, durante 300 noites a fio, o theatro esteve cheio e a multidão consagrava com ovações successivas o talento, o encanto, a firmeza, a delicadeza até então desconhecidade em theatro com que Anna Judic achava a maneira de dizer adoravelmente as coisas mais escabrosas que se tem dito na scena.

A *Timbale* foi o começo d'essa serie não interrompida d'ovações que ha doze annos tem elevado Anna Judic ás eminencias da gloria, a ser uma celebridade europeia, uma celebridade universal na opereta, como Sarah Bernhardt no drama.

É extensissima a lista de *successos* de Anna Judic, os ultimos porém — e sempre os maiores — porque o talento da grande actriz ainda está progressivo e de dia para dia caminha e deslumbra, são a *Niniche*, a *Femme à Papa*, a *Lili*, a *Mademoiselle Nitouche*, e ainda ultimamente, fóra de Paris, o *Divorçons*, em que se diz que ella é muito superior a Celine Chaumont, a criadora do papel.

São estas quatro primeiras peças que Judic faz em Lisboa, e cremos que fará tambem o *Divorçons*.

O nome de Judic, ha tantos annos na bocca de todos os emprezarios de theatros de Lisboa, e de todo o publico, vae finalmente ser acclamado de aqui a noites no theatro da Trindade. Tudo nos faz crêr que o successo será enorme para a grande actriz, acclamada e festejada por todos os paizes por onde passa.

Para a empreza da Trindade, já se sabe o que é, pela rapidez com que se cobriu a assignatura.

Esperemos, portanto, por essas noites de festa, que se approximam, e depois diremos de Anna Judic o que julgarmos: nós dizemos apenas o que julga a critica parisiense e a de todos os paizes que Judic tem atravessado.

L.

RAPHAEL JOSÉ CRONER

Em a noite de 22 do mez findo correu em Lisboa uma noticia que surprehendeu e contristou muita gente; era a noticia da morte subita de Raphael Croner, o distincto musico e estimado artista que abrilhantára com a sua rara mestria a orchestra de S. Carlos, os concertos mais notaveis e que dirigia com tanta proficiencia a banda do batalhão n.º 5 de Caçadores d'El-Rei.

Estava em Cascaes com o destacamento do corpo a que pertencia, que para alli tinha ido fazer a guarda de honra a el-rei, e preparava-se para reger a banda que ia tocar ao jantar de SS. MM., quando se sentiu encommodado e a morte se succedeu a esse encommodo.

Raphael José Croner nasceu em Lisboa a 26 de março de 1828 e era filho de José Croner e D. Anna da Piedade Croner.

Serviu no Batalhão Naval desde 1 de junho de 1845 a 29 de novembro de 1851, tendo acompanhado este batalhão na guerra civil de 1846.

Depois de extincto o Batalhão Naval passou a servir como contratado na banda dos Marinheiros Militares, até que sentou praça de voluntario em 1 de janeiro de 1857 sendo promovido a mestre de musica em 21 do mesmo mez e anno.

Raphael Croner viajou por todo o paiz dando concertos nas principaes cidades, onde era sempre recebido com as maiores demonstrações de apreço.

Em 1862 fez a sua primeira viagem ao Brazil, e de tal modo foi alli victoriado, que voltou lá em 1866, 1872 e 1876 indo n'estas duas ultimas vezes acompanhado por seu irmão Antonio Croner, que tambem é um distincto musico e compositor notavel. Do peito pendiam-lhe medalhas de merito que lhe foram offerecidas em Montevideu e em S. Paulo por varias corporações e S. M. o imperador do Brazil agraciou-o com a cruz da ordem da Rosa. Era condecorado tambem com o grau de cavalleiro de Christo, de Carlos III de Hespanha e a medalha de prata de comportamento exemplar.

Estas distincções conferidas a um artista, são tanto mais significativas quanto é certo que ellas só premeiam o verdadeiro merito, limpo das influencias politicas ou das vaidades argentarias.

Na orchestra de S. Carlos era Raphael Croner primeiro oboé, e a sua falta deve alli ser muito sentida porque artistas de primeira ordem não se substituem facilmente. Tambem era musico da camara de S. M. el-rei D. Luiz, e o monarcha estimava-o muito como um dos seus artistas mais dilectos.

Quando Croner morreu, el-rei mostrou-se muito impressionado por tão fatal acontecimento e mandou-lhe fazer a expensas suas, o enterro, em Cascaes.

Os numerosos amigos e collegas de Raphael Croner tratam de lhe fazer umas solemnes exequias a grande instrumental, prestando assim uma publica homenagem ao seu querido amigo e mestre, um dos ornamentos mais distinctos da arte portugueza.

UMA VISTA DO ZAIRE

Temos em nosso poder algumas photographias que nos foram remettidas de Africa, representando pela maior parte algumas vistas do Zaire. Houve infelizmente falta de se indicar em cada uma o ponto que reproduz, de modo que se torna difficil, ainda aos que tem algum conhecimento do celebre rio, a indicação precisa das localidades a que se referem.

Os nossos leitores que tem tido a bondade de ler as linhas que escrevemos com relação ao Zaire ou Congo, nos artigos intitulados o *Major João Carlos Ribeiro e a sua missão no Congo*, e o *Alto Congo e as estações de Stanley*, devem estar lembrados das descripções mais ou menos completas, e mais ou menos animadas que fizemos das margens d'aquelle rio.

Alguma ha, como haveria muitas outras, que podem coincidir com a vista representada na nossa gravura. Denuncia ella a proximidade de uma povoação, como as lavadeiras exercendo o seu mister indicam.

A maneira como o preto guia o seu barco tambem offerece interesse.

Iremos dando successivamente estas scenas, familiarisando assim os nossos patricios com o que é nosso e a maior parte não conhece.

INDIOS AMAZONENSES

Os indios que representa o desenho parecem pertencer á tribu *juri*, oriunda das margens do Yapurá, tributario do Amazonas.

Ainda ha poucos annos habitavam as margens do Yapurá as seguintes tribus: *pureus, pacés, homanas, maparis, juaris, miranhas* e *coretus*, das quaes apenas se encontram actualmente alguns indios das importantes tribus juri e coretu, e alguns caixanas que costumam alli apparecer em busca de cacáo. A maior parte d'estes ultimos vive nas cabeceiras do rio Mocómirim, a cinco dias de viagem da foz do Yapurá.

N'este rio, e outros confluentes do Amazonas, a despeito da vigilancia das auctoridades brazileiras, ainda se faz actualmente escravatura d'indios para serem empregados nos seringaes.

Segundo informações colhidas em Fonte Boa, soube que, os commerciantes d'esta villa, fazem o seu maior commercio no Yapurá, onde premutam facas, machados, outras ferragens e quinquilherias a troco de indios, tucum para redes e breu.

Os indios são entregues aos negociantes pelo *tuchauá* ou chefe da tribu, que á força os obriga a embarcar em *montarias*, ou grandes canôas, onde todos nús, vem amontoados, morrendo um grande numero d'elles á mingua de alimentos, e outros de nostalgia. Os que escapam são empregados nos seringaes e nos trabalhos domesticos.

As auctoridades brazileiras tem deligenciado pôr cobro a esta escravatura, mas é impossivel, em razão da vastidão d'estas regiões, onde a acção da justiça difficilmente se faz sentir.

A tranquillidade do Imperio brazileiro diminue mais em proporção de sua extensão, que da fórma do regimen que tem.

No ultimo relatorio da presidencia do Amazonas, apresentado á assembléa, em março de 1883, lê-se o que se segue, com relação aos indios do Alto Purus, e cuja veracidade eu tive occasião de observar, em agosto do mesmo anno, quando visitei aquellas explendidas regiões.

Diz o ex.mo presidente:... «Entre esses crimes avultam as perseguições crueis e não determinadas por motivo algum contra os indios do Alto Purus, dos quaes, segundo é voz publica, se tem destruido mais de cinco aldeias, ou cerca de duzentas pessoas. Essas perseguições, ao que se diz, pareciam dirigidas pelo genio do exterminio, eram caracterisadas pelos actos mais pronunciados de espirito sanguinario e feroz.»

A mais bella legislação é inutil, corrompidos os costumes de um povo.

Os indios soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sede e a fome, e raras vezes adoecem; bem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra as intemperias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que teem as indias puerperas, de em seguida ao parto se lavarem em agua corrente, continuando no mesmo dia no seu trabalho, como antes de dar á luz.

Os velhos, cuja longevidade é de 80 a 100 annos, e alguns ha que attingem 120, ignoram os males da decrepitude, possuem o goso dos sentidos, como na mocidade, conservam os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem encanecem nunca; tem a vista, o ouvido, e o olfato finissimo; os movimentos desembaraçados e o rosto pouco enrugado.

Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado, adquirem invejavel perfeição de sentidos.

Os indios, em geral, são doceis ao aceno do homem civilisado, a cujo trato se sujeitam, até que a impassibilidade de seu caracter se esgote, porque o trabalho forçado lhes repugna.

Lopes Mendes.

O AMAZONAS

Este rio, nascendo a poucas leguas do Oceano Pacifico atravessa na sua maior largura a America do Sul, como o caminho de ferro da California a America do Norte, correndo do occidente ao oriente por um tracto de 3:828 kilometros, até desaguar no Oceano Atlantico. As suas aguas entram no oceano com uma impetuosidade tal, que a 1:300 metros da costa conserva ainda uma corrente de quasi 7 kilometros por hora.

D'elle bracejam e se ramificam por immensos sertões 500 rios, alguns quasi tão largos como elle, que levam a navegação ao centro da Bolivia, do Perú, do Equador, da Colombia, de Venesoella, e até ás colonias europeas das Guyanas.

Partindo do lago Lauricocha nos Andes, toma o nome de Tangaragua até Yurymaguas; d'aqui a Tabatinga, limite occidental do Brazil com a republica do Perú, recebe a denominação de *Marãnon*; de Tabatinga á foz do rio Negro é conhecido pela designação de *Solimões*; e d'alli até ao Atlantico, pelo nome de *Amazonas*.

Marãnon, Solimões e *Amazonas* são — como disse — diversas designações applicadas ás tres differentes secções em que se divide o grande caudal e valle Amazonio, bem distinctos pela formação geognostica e pela flora e fauna que os caracterisa, como tive occasião de observar quando o anno passado (1883) por lá andei.

Este rio, o maior do mundo, pelos indigenas denominado *Paraná-Assu*, e depois por Orellana designado *Amazonas*, é um grande mar de agua doce, e o mais grandioso systema hydrographico conhecido, pois abrange uma área de 500 leguas de latitude sobre mais de 600 de longitude.

A grandeza, opulencia e belleza do Amazonas, que a Providencia destinou para n'um futuro proximo — aberto o canal de Panamá — ser o emporio do commercio e da civilisação do mundo, pela sua immensa riqueza natural e vantajosa posição geographica no globo, não se podem imaginar nem dignamente descrever.

Lopes Mendes.

INSCRIPÇÃO NA CASA DE DAMIÃO DE GOES EM ALEMQUER

A paginas 232 publicamos a gravura da inscripção que a camara municipal de Alemquer mandou collocar na casa de Damião de Goes, em dezembro de 1883.

Em o n.º 32 do OCCIDENTE publicámos um retrato de Damião de Goes acompanhado de um interessante artigo, continuado em os n.os 34, 35 e 38, devido ao nosso esclarecido collaborador o sr. Graça Barreto, por isso agora apenas nos restringeremos ao assumpto da gravura.

A casa onde nasceu, em 1501, Damião de Goes, ainda existe muito bem conservada, o que não se póde dizer a respeito de muitas outras que foram tambem berço de portuguezes illustres, porque além das que os terremotos tem destruido, muitas se tem deixado desapparecer pela maior das incurias e falta de veneração pelo berço de tantos varões, que illustraram a patria com o seu valor.

Esta casa pertenceu por muitos annos aos srs. marquezes da Cunha e depois ao sr. doutor Francisco Narciso Attilano, cavalheiro muito illustrado, que pôz todo o cuidado na conservação da casa procurando mesmo com os reparos que lhe tem feito, não alterar o seu primitivo aspecto.

A casa está situado a leste da villa de Alemquer, ao lado do antigo bairro da *Judiaria* e em ponto elevado. O edificio é de grandes proporções e tem sido accrescentado.

Foi o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva que lembrou á camara de Alemquer a conveniencia de mandar collocar uma lápida na casa, como um monumento nacional que é, e essa lembrança foi logo acceite encarregando a mesma camara o sr. Possidonio da Silva de delinear e dirigir a factura da lápida, que foi executada em Lisboa na officina do sr. Seviriano João de Abreu.

Esperamos n'outra occasião dar uma vista da casa, para que fique aqui archivado mais este monumento, antes que o tempo ou alguma expropriação de utilidade publica o façam desapparecer.

A NOVA CASA DA EMPRESA DO OCCIDENTE

A gravura que publicamos com este titulo representa a casa onde se acham installadas as officinas e escriptorios do OCCIDENTE, desde junho do corrente anno.

O desenvolvimento que a nossa empresa tem attingido, com o favor publico que a tem protegido, fez sentir a necessidade de alargar o seu estabelecimento para melhor poder corresponder ás exigencias do expediente.

Publicando a gravura do nosso estabelecimento levamos em vista tornal-o conhecido do publico, e prevenirmos de um modo mais frisante os nossos estimaveis assignantes e correspondentes, que o nosso estabelecimento é no Largo do Poço Novo, com entrada pela Travessa do Convento de Jesus, n.º 4, para onde pedimos o favor de nos dirigirem toda a correspondencia

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

X

Façamos de conta que estamos no Egypto; não o d'agora, o das dividas e calotes, mas o outro, o velho, o das mumias e dos bichos sagrados. Apro-

ximemo-nos do senhor *Osiris*, deus solar e que anda sempre á bulha com *Set*, ou *Typhon*, o maldito, seu inimigo eterno. Este senhor *Osiris* é a fórma infernal de *Ra*, o sol; e o seu adversario, aquelle com quem anda em perpetua lucta, é nada menos que o deus das trevas. Conta-se que esta concepção estrambolica da fórma infernal de um deus do ceu fôra engendrada do seguinte modo:

Quando o sol desapparecia no ceu do occidente não terminava o seu curso; proseguia a viajata durante mais umas tantas horas, atravez das trevas e do inferno. Em quanto nos allumiava era *Ra*; e *Osiris*, em quanto andava lá por baixo. Assim como *Ra* todos os dias era assoberbado pela noite, e n'ella se abysmava, parecendo que, para sempre, assim tambem *Osiris* foi trahido por *Set*, que o espostejou, dispersando seus membros, para o impedir de tornar a apparecer. Mas *Osiris*, o sol da noite, renasce com o nome de *Harpechrond*, que lucta com *Set*; e assim como o sol nascente dissipa a escuridão da noite, assim elle vinga seu pae, sem todavia aniquilar o seu inimigo. Eis como se formou no velho Egypto a lenda do bom e do mau principio.

Quanto á sucia dos demonios a historia é diversa, e vamos narral-a muito resumidamente, tomando por guia um escriptor de grande auctoridade (1) Convém, todavia, ter bem presente esta advertencia, feita pelo mesmo escriptor: «Faltam-nos ainda a maior parte dos documentos; e os que temos são tão obscuros, que não nos permittem separar o que pertence a cada uma das escolas theologicas, que successivamente passaram ao Egypto.» Como se vê, é possivel que a descoberta de novos documentos, dissipando a obscuridade dos existentes, venha rectificar, ou mesmo renovar completamente, a alludida historia.

Feitas estas observações, como descargo de consciencia, tratemos agora dos nossos diabos. Para bem os conhecer, cumpre saber-se primeiramente, que segundo a escola philosophica-theologica do Egypto, o homem era completo de intelligencia, corpo e alma; esta ultima era uma substancia intermediaria entre o corpo e a intelligencia, a qual vinha a ser uma como parcella divina, revestida de luz. Esta luz, porém, abandonava a intelligencia, quando ella principiava a fazer parte do ser humano. Além das tres entidades que ficam mencionadas havia ainda uma quarta, o espirito, cujas funcções eram transmittir á materia as ordens que recebia da alma. A alma, diz o escriptor a que já nos referimos, é o involucro da intelligencia; o espirito o involucro da alma; o corpo o involucro do espirito: todas estas partes, de origem e com virtudes differentes, unem-se por um laço invisivel, que dura tanto como a vida, e a reunião de todas el-

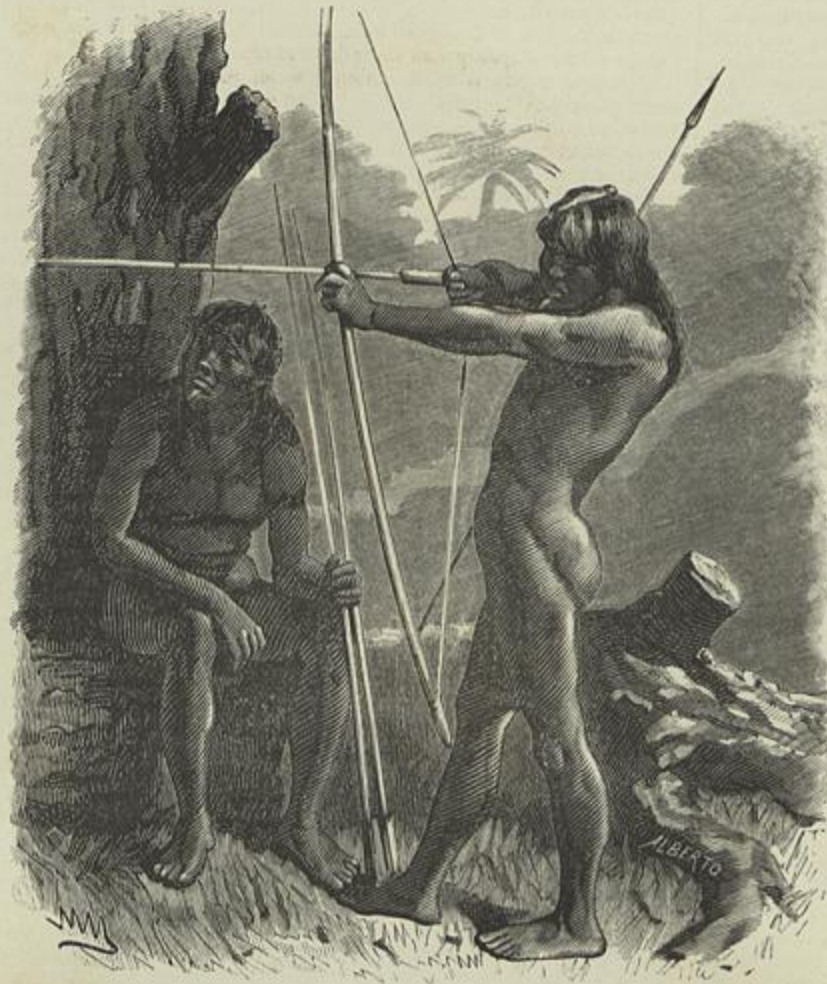
(1) Maspero, *Hist. Anc. des penples de l'Orient*, pag. 38 e seguintes.

RAPHAEL JOSÉ CRONER — FALLECIDO EM 22 DE SETEMBRO DE 1884
(Segundo uma photographia)

AFRICA PORTUGUEZA — NO RIO ZAIRE (Segundo uma photographia de Moraes)

las constitue o homem.» Quando este morre, a intelligencia retoma o seu luminoso involucro e torna-se *demonio*.

A alma, despojada do corpo e abandonada da intelligencia, que a guiava, comparece no tribunal de *Osiris*, perante os quarenta e dois membros do jury infernal. As suas acções são lançadas na balança da justiça, e conforme forem leves ou pesadas, assim lhe é dada a sentença. Se a alma foi impia, se fez ouvidos de mercador aos bons conselhos que lhe dava a intelligencia, esta entra n'elle, não já desarmada da sua força, mas circumdada do fogo divino, e castiga-a, entregando-a aos turbilhões dos elementos conspirados. «Incessantemente agitada entre o ceu e a terra, sem nunca poder escapar ás maldições a que está agrilhoada, procura um corpo humano onde metter-se, e quando o encontra, tortura-o, enche-o de doenças, precipita-o no peccado e na loucura Quando, após seculos, encontra em fim o termo dos seus soffrimentos, vae ter a segunda morte, no seio do nada.»

Compunham-se, pois, os demonios egypcios de duas substancias: a intelligencia e a alma, sendo aquella de origem divina. A mesma concepção, mas denotando já maior grau de desenvolvimento, existia na religião grega. «O nome demonio, diz um hellenista moderno, sendo originariamente applicado a todo o ser divino, significava, comtudo, em sentido mais restricto, divindades secundarias, fossem ellas quaes fossem. D'este modo, os heroes eram englobados na cathegoria dos demonios, e n'uma epocha posterior os dois epithetos empregavam-se indifferentemente, ou antes, dava-se preferencia ao ultimo, porque designando-se os mortos sob a accepção generica de *heroes*, distinguiam-se pelo titulo de demonios os que haviam sido elevados á condição de semi-deuses (1).»

Eis que nos apparecem agora os demonios sob um aspecto completamente novo: pessoas credoras do nosso maior respeito e veneração, pelas suas distinctas qualidades e altas virtudes. Acaso estes demonios tão decentes, tão aceiados, tão graves, poderão ter alguma coisa de commum com os diabos farropilhas do christianismo? É certo que nem sempre foi assim na boa Grecia, e houve um tempo em que aquelles graves e circumspectos varões tanto degeneraram, tão viciosos e tão brejeiros se fizeram, que se tornaram a vergonha e a deshonra da familia. Note-se, porém, que esta vira-volta devem-n'a elles ás más companhias, ao contacto das crenças orientaes, que se infiltraram na religião e até na philosophia grega, imprimindo uma direcção nova ao natural desenvolvimento religioso da raça aryana.

Nos povos d'esta raça assumiu o culto domestico um desenvolvimento consideravel, co-

INDIOS AMAZONENSES

(1) Maury, *Hist. des religions de la Grece*, antigo tomo 1.º, pag. 565 e 566.

AMAZONAS — MANAUS (Desenho de A. Ramalho)

mo em nenhum dos outros; foi d'esse culto que lhes veiu a concepção primitiva dos demonios, almas dos finados, espiritos libertos, bons, e a cujas virtudes os seus descendentes prestavam adoração. A concepção do diabo, e diabos como espiritos do mal, contrarios ao principio bom e inimigos do homem por ser creatura d'esse principio, parece mais propria da raça semitica; finalmente os turanianos dando pouca importancia ao principio do bem, por entenderem que a circumstancia d'elle ser bom era bastante para os dispensar de recorrer á sua benevolencia, pois que daria tudo, embora nada lhe pedissem, cuidaram principalmente em applacar as iras do espirito do mal, com orações, sacrificios e tudo quanto imaginavam lhes poderia ser agradavel, ou capaz de pôr um freio á ruindade d'elle. D'aqui nasceu a magia, na mais ampla significação do termo. E como todas estas raças se cruzaram e confundiram, o mesmo succedeu ás crenças, de fórma, que em todas as religiões se encontram, pouco mais ou menos, as mesmas entidades mythicas, ás quaes todavia se ligam concepções differentes, segundo as circumstancias que determinaram o predominio de uma ou d'outra raça, e conforme os accidentes que actuaram na direcção do desenvolvimento religioso.

D'estas considerações, que são como o resumo de tudo quanto havemos exposto, concluimos contra a opinião dos que attribuem exclusivamente á demonologia grega a origem dos diabos do christianismo.

Delphim d'Almeida.

O LOUCO

— Ora, meu caro doutor, — dizia ha dias uma graciosa loura que a leitora conhece de S. Carlos e das chronicas balneares, — já se não morre de amor e por mais que recorra ás ficelles da velha escola romantica, não conseguirá convencer-me, creia, de que o tempo não seja capaz de destruir qualquer saudade por mais ardente e sincera.

— Perdão, minha senhora, eu expliquei-me talvez mal. O meu fim não é provar-lhe, mesmo porque tental-o seria absurdo, que haja saudade ou dôr que resista ao decorrer dos annos. Longe de mim, tão extravagante idéa. O que eu penso é que não são dores nem saudades todas essas pequeninas maguas que hoje apparecem e amanhã já não lembram, e que eu peço licença a v. ex.ª para alcunhar de contrariedades mais ou menos ligeiras que a muitos se affigura irem ferir a alma mas que apenas ferem a vaidade. As grandes dores são as que produzem grandes crises e estas, felizmente, não teem sempre consequencias desastrosas. As outras, se alguem as julga assim, é porque o coração humano tão caprichoso como é, sente sempre um desgosto profundo na mais pequenina cousa que possa impedir a realisação do seu desejo, ainda o mais insignificante, ainda o mais pueril. A historia que eu acabo de lhe contar é no fundo e nos pormenores, absolutamente verdadeira; não a idealisei eu, foi ella que veiu ter comigo. É verdade que não sahiu das salas elegantes nem das alcovas aristocratas, mas por ter vindo da aldeia, do viver simples e modesto dos salões, permitta v. ex.ª que a não desprese. Será tudo, absurdo, tola, piegas se v. ex.ª o entender mas inverosimil, nunca, porque é verdadeira. Os personagens conheci-os eu; a um d'elles, a ella vi-a muitas vezes, tão de perto como estou vendo agora a v. ex.ª e noites e noites passei conversando com ella como n'este momento converso comsigo, não com tanto prazer porque ella não tinha esse sorriso motejador com que v. ex.ª nos seduz, intimidando-nos, nem o espirito finissimo, delicado, da sua superior intelligencia.

— Não graceje, doutor, repare que está falando proximo da immensidade do oceano e as ondas não são para brincadeiras...

— É exactamente por isso que v. ex.ª acha inverosimil a minha historia...

— O quê, por causa da brincadeira das ondas!...

— Não, por causa da brincadeira do seu espirito...

A esta phrase ella pôz-se de pé e dando o braço ao doutor, murmurou baixinho:

— Sabe porque a principio me ri da historia da sua lavadeira? É exactamente porque tenho passado os meus vinte cinco annos nas alcovas aristocratas e nos salões elegantes onde tudo é falso, a côr da pelle das minhas amigas e as amabilidades banaes dos meus adoradores; é porque as paixões que se debatem á minha vista, cedem todas a uma idéa menos digna — ao interesse pecuniario ou ao desejo material; é porque respiro, desde que me levanto até que me deito, uma atmosphera viciada, onde tudo é convencional e onde a rasão e a consciencia nada teem que ver com a opinião que formamos sobre todas as cousas e pessoas. Ri-me porque para a acceitar, precisava, primeiro de tudo, de acceitar aquellas estrellas que vemos brilhar lá em cima sob um ceu puro e limpido, não pelo que ellas são mas pelo que parecem ser; porque para a comprehender era necessario não comprehender nem o perigo das vagas cujo marulhar ouvimos junto á praia nem as delicias da natureza que sorri ao redor de nós. Ah! doutor, como eu dava, com prazer, tudo o que aprendi durante a minha mocidade, esta illustração que me pesa, por uma d'essas almas incultas mas puras, sem duvida, cem mil vezes mais felizes porque são incapazes de comprehender o mal, de o persentir até... O barulho das ondas e o tossir desenfreado do velho general, pae da loura banhista, que seguia a meu lado, vieram interromper o silencio da noite e impedir de escutar o final do colloquio que acabo de traçar. O doutor de braço com a sua gentil companheira, caminhava adeante de nós uns cincoenta passos. Quando chegámos a casa fui ter com o doutor e pedi-lhe, cheio de curiosidade, que me contasse a historia.

E elle coutou-me então:

— «Na asinhaga sombria que vae ter ao cemiterio de ..., sempre que alli se passe, encontra-se sentado na relva, batendo pausadamente com uma picareta aguda nas pedras tortas e velhas, um pobre rapaz, de olhar extactico, a phisionomia horrorosamente desfigurada por contracções nervosas, frequentes, côr macilenta, que de vez em quando solta suspiros de uma monotonia que aterra. É um louco. Tenta com o bater inoffensivo da sua picareta, abrir a cova da bem amada, diz elle, fôra ella que lhe escrevera do ceu pedindo para a ir buscar. Á noite, quando a mãe, uma pobre velhinha, o vem buscar para casa, apenas diz: — amanhã será. E os dias passam e com elles os mezes e os annos e as pedras não cedem porque os seus musculos outr'ora possantes nem já teem a força para abrir um buraco na terra humida...

— E a que se attribue essa loucura?

— Ah! replicou-me o doutor, essa loucura tem uma rasão logica, do que se não admire, porque os doidos são muitas vezes logicos nas suas loucuras. Esse pobre Paulo — é o nome do louco — namorava uma rapariga fresca e rosada, lavadeira do sitio. Era alli, na asinhaga, que elle a esperava todas as tardes, ao voltar do tanque, com a sua trouxa muito branca debaixo do braço ou no alto da cabeça; era alli que conversavam até ás Ave-Marias; alli que construiam o castello da sua felicidade, que formavam o plano do seu futuro. O engenheiro que traça o projecto de uma avenida, o soldado glorioso que assalta um castello inimigo, não teem mais amor ao terreno das suas conquistas, do que Paulo e Clara tinham aquella asinhaga tortuosa e triste. Uma tarde, porém, ella appareceu mais cedo do que o costume, mas appareceu doente, inundando-lhe o corpo enormes suores frios. As suas faces estavam descóradas, tinha os olhos brilhantes, os labios esbranquiçados, a testa a arder — era a febre, uma febre que no dia seguinte se originou em typho e n'uma semana, a fez um cadaver. Escusado será repetir-lhe minuciosamente os resultados immediatos e directos d'esta morte, no cerebro e no coração do pobre Paulo, basta apenas referir-lhe que depois de umas crises violentissimas, os grandes ataques de loucura transformaram-se em espásmos medonhos e hoje elle tem a peior das loucuras — está idiota. De todo o seu passado, nem o cantarolar campestre das lavadeiras ao regressarem do riacho, que d'antes embalava o seu idylio, consegue hoje accordal-o da sua dôr e na sua memoria só lhe resta a asinhaga onde elle

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 208)

VI

A questão magna

Nada de extraordinario se accusava a seus olhos, por mais voltas que désse, por mais que se mirasse da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita.

N'isto o papá Gilberto suspendendo o seu discurso, advertido do risinho dos pequenos reprehendeu-os.

— Então meninos?!

Tudo ficou porém no mesmo.

E continuou dando á lingua.

O discipulo do padre Vicente deixou-o falar, fingindo dispensar-lhe uma grande attenção, de todo convencido de que não era de si que se riam, mas do dono da casa.

Se o discurso não concluisse a tempo, elle acabava de certo por sair do seu serio e pôr-se tambem a rir.

A lição d'esse dia foi para assim dizer uma simples palestra.

Gilberto não disse nada.

D'ahi pouca attenção podera dispensar ao professor das primeiras lettras, em razão de ter de receber a mestra de piano D. Genoveva do Nascimento, o mestre de francez, e o mestre de dança que foi recebido com todos os pontos de admiração da familia, por ser um preto, e por dois inconvenientissimos espirros de D. Perpetua por estar constipada.

A mestra de piano era uma das celebridades do seu tempo.

Leccionava meio mundo.

Era uma mulher magrinha, baixa, nervosa e faladora, uma serigaita.

Entrava pela casa das discipulas aos beijos a toda a gente, começando pela criada que lhe abria a porta, e acabando pela dona da casa e meninos com busso e sem busso.

Era na opinião de Gilberto mestra de mão cheia e no restante uma fura vidas de tal ordem que o enthusiasmava a ponto de exclamar sempre que lhe fazia a apologia das qualidades notabilissimas de saber viver com todos e saber ganhar a sua vida:

— Aquillo não é uma mulher é um homem. Barbas tivera o marido para lhe chegar aos calcanhares.

De facto o marido não tinha barbas, era cantor da Sé e havia sido menino do côro.

Não se podia dizer porém com propriedade que não chegava aos calcanhares da mulher, pois era um formidavel homem que não cabia por uma porta, e muito capaz de comer as papas na cabeça de qualquer pessoa de mediana estatura.

Que torre, e que voz!

Este par fazia as delicias dos saraus familiares da burguezia de então.

Chegavam-n'os a convidar por economia, porque elles só por si faziam a festa: a mulher tocava piano, o marido seria capaz de cantar toda a noite de tal maneira e com tal bravura, que por aquelles arredores ninguem se atreveria com certeza a pegar no somno.

Não se tornava preciso abrir as janellas para que o ouvissem da rua.

Era um famoso cantor para apregoar agua fresca n'um arraial de saloios.

D'ahi o resto da familia: a menina mais nova que tocava harpa, o sr. Joaquimsinho que tocava flauta, o sr. Antoninho que tocava rebeca, o sr. Januario, já um homem, que tocava violoncello.

Elles só por si formavam uma orchestra, faziam a sociedade.

Familia mais dada á musica decerto não havia. O proprio aguadeiro da casa, esse mesmo não dava méssas a ninguem, na bravura e no gosto lá de dentro com que tocava a sua gaita de folles!

Afinal era tudo aquillo uma fabrica de dores de cabeça para D. Perpetua, que o marido lhe estava ali arranjando.

Quem lhe tirasse o seu somninho á noite e as suas contas ao adormecer, tirava-lhe tudo.

Nunca fôra senhora dada a cantorias e a assembléas.

Mas emfim para comprazer ao marido, que sacrificios não faria ella!

Não só recebeu com agrado a mestra de piano, como lhe adeantou ao depois as duzias das lições, conta que afinal se embrulhou tanto, que ficou sendo uma continha calada.

O que porém se affigurou a D. Perpetua um verdadeiro desperdicio, quasi uma loucura, foi a acquisição do mestre de dança.

— Que disparate!

D'ahi que exotico era o mestre de dança.

passa a existencia, batendo com uma picareta aguda nas pedras tortas e velhas para abrir a cova da bem amada.

— Que lhe parece a historia melodramatica do nosso doutor, perguntou-me a voz fresca da filha do general?

— Interessantissima, minha senhora, respondi eu.

— Interessantissima em verdade, continuou ella dirigindo-se a nós dous, e sabem porque esse infeliz Paulo enlouqueceu?... Unica e simplesmente por não saber ler nem escrever...

— Não comprehendo, exclamei eu e o doutor, em côro.

— Se soubesse escrever, podia repartir a dôr... com os outros...

— E então? perguntámos admirados.

— Então fazia um necrologio para o *Diario de Noticias*... arrematou ella com um pequenino sorriso de desdem e duas lagrimas a brilharem nos seus formosos olhos.

João Costa.

RESENHA NOTICIOSA

Mussingire. Um erro grave de administração, segundo o nosso entender, deu em resultado esta catastrophe, que tem dado pabulo aos periodicos extrangeiros para declararem a Zambezia toda levantada contra nós. Os prazos, ou terrenos da corôa, costumam ser arrendados a certos particulares, que põem n'elles as suas guardas, e pagam uma renda ou foro. Estes homens são uns intermediarios dos pretos com os brancos, e uma segurança e garantia para estes. Ora o prazo de Mussingire nada rendia, e o governador geral que pretendeu implantar o systema de administrar os prazos por conta do Estado e acabar com os arrendamentos, mandou occupar aquelle prazo por um destacamento de dezoito praças depois reforçadas com mais dez, commandado por um valente official o capitão Victorino Queiroz. Este methodo de collocar pequenas forças muito internadas no sertão, sem apoio proximo, é pernicioso. O preto não ataca de frente, esconde-se na erva e no matto, o branco quasi que o piza sem o presentir, e no momento que aquelle julga opportuno, levanta-se e cahe sobre a victima sem esta se poder defender. O preto só se póde combater a distancia. Além d'isso o governador geral mandára dar armas a alguns pretos que julgava amigos. O destacamento conservava-se sempre vigilante, mas sem desconfiança. Uma madrugada porém, repentinamente, sem que a noite tivesse permittido a mais leve suspeita rompem de entre o matto tres partidas de negros armados de machados, uma envolve e despedaça a sentinella, outra cahe sobre o quartel do commandante, e outra sobre o dos soldados, que são todos trucidados, sem se poderem defender. A roda conservavam-se os pretos armados com as armas que o governo lhes dera, para protegerem os assaltantes. Em seguida lançam fogo á aringa, ardendo os cadaveres de 28 infelizes, e á fogueira lançaram um filhito natural do capitão, de 4 annos, e outro de 7 levaram comsigo. Os 25 soldados trucidados n'esta matança eram pretos, e d'ella escaparam tres, que nús e arranhados do matto puderam chegar a Quilimane, onde deram noticia do caso. Logo que teve conhecimento d'este facto horroroso, o governador do districto Palma Velho, que apenas havia tomado posse do governo havia 15 dias, tratou de convocar os principaes proprietarios e havia já conseguido que elles organisassem uns 1:000 negros de sua confiança, sem dispender um real, e só com a promessa de lhes conservar o arrendamento dos prazos por mais alguns annos, — afim de com os reforços que chegassem ir vingar os seus irmãos. N'isto chegou o governador geral, que parece não aprovou o systema que o sr. Palma Velho, queria empregar, pelo que este julgou dever exonerar-se do cargo, no qual já tinha sabido captar as sympathias dos seus administrados, assim como lhe acontecera em Cabo Delgado. O governador geral, segundo as ultimas noticias ficava em Quilimane, á espera do batalhão do Ultramar, para fazer tirar a desforra d'aquelle desastre, filho de alguma imprudencia. Havia já quinhentos pretos armados dos que Palma Velho organisára, e tinham marchado 150 praças contra os revoltosos que tem destruido muitas plantações até ao prazo do sr. Paiva Raposo. Comtudo aquelles 150 homens marchavam pelo rio em lanchas descobertas, expostos ao sol e á chuva e a todo o rigor do clima. Estimaremos que as armas portuguezas sejam bem succedidas, e o prestigio portuguez restabelecido.

Missões africanas. Nem toda a gente sabe que em Argel está fundada uma *Sociedade das missões*, de que é presidente e fundador o cardeal Lavigerie, arcebispo eleito de Carthago. Ora no dia 1.º de setembro foi por aquelle cardeal sagrado com o titulo de bispo de Ruspe. Monsenhor Buhagiar, maltez de origem, religioso capuchinho, e antigo parocho de Sfax na Tunisia, concedido áquelle como auxiliar pela Santa Sé. A 16 de setembro porém foi pelo reverendo cardeal Lavigerie, assistido de monsenhor Combes, bispo de Constantina e de Hippona, e do referido monsenhor Buhagiar, sagrado bispo de Pacando e vigario apostolico do Nyanza, na Africa equatorial monsenhor Lavinhac. Na sua alocução a este novo bispo fez monsenhor Lavigerie alusão á proxima nomeação de um novo bispo, escolhido na mesma congregação. O periodico que nos dá estas noticias, accrescenta: Este prelado, segundo nos affirmam, será o M. R. P. Charbonnier, originario da diocese de Meude, e que por algum tempo foi empregado na de Rodez. É este padre, o director do noviciado da Sociedade dos missionarios de Argel. Tem de edade 42 annos e acaba de ser indigitado pelos superiores da Sociedade para vigario apostolico de Tanganika. A sagração episcopal é sempre subordinada á experiencia pratica, que elle deve fazer debaixo do ponto de vista do clima da sua nova missão. Effectivamente é só depois de ter experimentado se póde supportar o clima da Africa equatorial para onde vae partir immediatamente que a sua nomeação se tornará definitiva: foi assim que a Santa Sé o regulou, com a sua prudencia habitual. O mesmo periodico accrescenta: que a referida Sociedade prepara a partida de duas numerosas caravanas, uma para o Nyanza, outra para o Tanganika, tendo cada uma por chefe o prelado respectivo d'estes dois vicariatos. A estas duas caravanas juntar-se-hão os primeiros medicos arabes educados pelos cuidados de monsenhor Lavigerie e que fizeram os seus estudos em França na universidade catholica de Lille. Fundam-se bastantes esperanças na presença d'estes jovens medicos catholicos, para o adeantamento das missões em um paiz, onde as doenças são terriveis e onde os grandes chefes apreciam acima de tudo a arte medica, que póde cural-os nas suas enfermidades. A maneira de conduzir estes assumptos em um paiz que não tem como nós, de presente, os mesmos interesses n'aquella parte de Africa é muito para considerar; dizemos, de presente, porque é muito natural que não se formem e prosigam tão systemathicas missões sem um fim util, pratico e naturalmente muito proximo. Prevemol-o, e escusamos de o indicar.

Partida. Sahiu para Moçambique, no dia 8 do corrente, a bordo do transporte *India* o novo prelado d'aquella diocese o sr. D. Henrique José Read da Silva. A bordo foram despedir-se do illustre sacerdote, grande numero de ecclesiasticos e de pessoas das suas relações. Folgamos muito com esta partida e a de religiosos para as nossas provincias ultramarinas, especialmente para aquella, que está muito carecida d'elles, e nas suas visinhanças se vão estabelecendo poderosas missões catholicas.

As manifestações na Belgica. Como se sabe, ha desde annos na Belgica, como em toda a parte, uma guerra de doutrina entre o partido *catholico*, e o que se dá o titulo de *liberal*. Nas ultimas eleições obteve grande maioria o primeiro, em consequencia do que, o ministerio pediu a sua demissão, e o chefe do Estado, como verdadeiro rei constitucional, chamou aos conselhos da corôa, os homens mais imminentes do partido catholico. Uma das primeiras medidas d'este, foi alterar a lei do ensino premulgada pelos liberaes, que era verdadeiramente intransigente com relação aos catholicos. D'aqui seguiram-se representações pró e contra, ás quaes o rei, respondia como

---

Não conheceram o sr. Herculano Firmino das Mercês?

Pois era elle.

Altura regular, magreza relativa, figura esguia puxadinha á fieira, chapéo á banda, carapinha levantada, craneo comprimido, labios grossos, faces salientes, côr de azeviche luzidio, epiderme aveludada, tal era elle.

As suas mãos ossudas, compridas, eram verdadeiras mãos de chimpanzé, verdadeiras mãos de mono africano.

Os pés ainda mais disformes, mostravam as saliencias de uns joanetes de que nunca houve memoria em raças humanas, segundo as investigações dos mais notaveis naturalistas, desde Cuvier até Buffon, desde Buffon até Figuier.

Pés notabilissimos, digno pedestal de tão extravagante estatua!

Depois das ruinas de Herculano cidade, podiam citar-se aquelles pés de Herculano Firmino.

Elles tambem eram decerto o resultante de um d'esses cataclysmos. Aquellas montanhas de carne tinham na sua deformidade a explicação da sua origem.

Trajava Herculano com certo exagero que lhe ficava comicamente bem.

Usava umas sobrecasacas muito justas ao corpo, de verde garrafa com botões amarellos, abotoadas n'um só botão de modo que mostrasse bem a cintura.

As calças eram sempre de côres vistosas em quadrados de original phantasia; a camisa um espelho de lustro, e o lenço do pescoço á moda do principio do seculo actual, posto de diante para traz em muitas voltas acabando debaixo do queixo n'um pequenino laço imperceptivel.

O chique de então.

Herculano tinha um andar doce com muitos requebros de minuete, e deitava os pés para fóra com muita modestia, porque quem tinha os pés assim podia-os bem metter para dentro, na certeza que mesmo de longe seriam vistos com espanto.

Mas Herculano, como bom artista que era, tudo sacrificava á arte, a ponto de tornar bem saliente a parte mais defeituosa do seu corpo, aquelles pés desformissimos que apesar da sua enormidade, diga-se isto em honra de Herculano, nunca mettidos em dansas constou que pizassem sequer um simples calo!!!

Elles tinham na valsa como em tudo uma agilidade prodigiosa; não eram uns pés humanos, eram umas verdadeiras azas de zephiro, voavam; tinham a elasticidade da guta-percha e eram mais leves do que uma penna.

Que pena não serem mais pequenos...

D. Perpetua emquanto o não viu pelas costas não descansou.

Resta porém averiguar se o despediram ou se elle, dispensando mesmo essa etiqueta, resolveu nunca mais pôr lá os pés.

Devem suppôr quanto soffreria em casa de Gilberto, de uma sem ceremonia que passava ás vezes os limites do conveniente, estando habituado, como effectivamente estava, ao tracto afavel e delicado das principaes familias da velha aristocracia portugueza.

Um dos pequenos logo ao primeiro dia de lição perguntou-lhe se aquella côr d'elle não se tirava.

D'ahi as creadas chamavam-lhe *paesinho*, e o atrevido do creado uma vez quando sahia chamou-o lá do fundo da cocheira onde estava limpando o burro, e perguntou-lhe se elle queria ir caiar o tecto do Rocio.

A consciencia da sua posição, certa prosapia, porque a tinha, de não ser pouco mais ou menos um João Ninguem, levaram-n'o a engulir em secco a brutal affronta.

É natural pois que estes e outros factos escandalizassem Herculano e o afastassem da casa de Gilberto ao completar a primeira duzia de lições, que lhe foi paga a moeda de ouro.

Elle gostava muito de ganhar dinheiro, mas assim d'aquelle modo não era ganhar dinheiro, era ganhar o purgatorio.

Gilberto deu pouca importancia ao facto.

Já estava de accordo com a mulher de que a dança era fraca prenda e coisa facil das raparigas aprenderem umas com as outras, de sociedade aos domingos quando se juntassem com as primas.

Veio em substituição de Herculano um professor de desenho.

A estreia porém d'elle foi pouco feliz, e deixou grandemente desconsolados Gilberto e esposa, os quaes julgavam que a titulo de lhes ensinar os filhos, se prestaria a tirar-lhes o retrato de graça, elle com a sua farda e commenda, e ella com as suas galas e brilhantes.

Por mais que o professor quizesse convencel-os de que não era retratista, que leccionava simplesmente desenho linear, Gilberto não havia de dissuadir-se de que era uma evasiva ou uma galanteria da sua modestia.

— Paga-se o que fôr.

— Mas não é uma questão de preço senhor commendador. Deve saber que unicamente lecciono desenho linear e para nada mais me encontro habilitado.

(Continúa)

Leite Bastos.

devia, que obraria conforme as indicações parlamentares. Em consequencia d'isto, o partido chamado *liberal*, organisou uma grande manifestação, na qual tomaram parte cerca de cem mil pessoas, para irem ao paço entregar uma representação a el-rei em certo dia; n'esse mesmo dia o partido *catholico* queria fazer outra em sentido contrario, mas os seus chefes, muito prudente e avisadamente, resolveram que se fizesse oito dias depois. Fez-se a manifestação *liberal*, sem o minimo incidente e na melhor ordem, mas quando oito dias depois atravessava as ruas a manifestação catholica, muito mais numerosa que a primeira, foram os que a faziam apupados e até atacados pelos seus contrarios, travando-se desordens em que houve que intervir a policia, conseguindo porém no meio da balburdia, a grande commissão directora chegar ao paço e entregar ao rei a representação, fazendo o seu presidente resaltar a differença entre o procedimento de uns e outros. Os periodicos de todos os paizes são quasi unanimes em estigmatizar o procedimento dos que se intitulam liberaes, notando alguns o facto estranho e digno de attenção de que em quasi toda a parte, os partidos que se chamam *liberaes* ou os mais avançados, sejam os mais intransigentes, e os que saltam quasi sempre fóra da legalidade. De pois d'isso vieram ainda grande numero de burgomestres, que correspondem aos nossos presidentes das municipalidades apresentar o seu pedido ao rei. Não obstante isto a lei foi discutida e approvada pelas camaras e sanccionada pelo rei e promulgada no dia 22 do mez findo. Havia socego; o governo prohibira as manifestações do genero das citadas, permittindo só que as commissões directoras apresentem as suas representações, etc., as tropas tem estado de prevenção nos quarteis, e é muito natural que não se saia da legalidade. O sr. Malou, chefe do partido catholico, presidente do conselho de ministros, e os seus collegas, tem dado provas de muita firmeza, muito senso, e muita liberalidade. Os partidos que sobem ao poder, não devem tratar os seus oppostos como se não existissem, e as questões religiosas são as peiores que se podem agitar. Os chamados liberaes devem respeitar as crenças do povo, e não legislar de fórma que pareçam querel-as apagar com um traço de penna. São precisos seculos para modifical-as, quanto mais para as extinguir, e não se póde dizer que um paiz acceite de bom grado uma medida quando a uma grande parte illustrada d'elle não é agradavel. Não sabemos porém ainda se a nova lei de instrucção concilia as opiniões, o que vemos é alguma excitação nos animos.

SEBASTIÃO BACH. Inaugurou-se ha dias em Eisenach, Allemanha, o monumento, ha muito projectado, e consagrado á memoria d'este grande compositor de musica sacra, irmão de outro tambem grande compositor. A inauguração realisou-se assistindo a ella um grande concurso de musicos e compositores, vindos de todas as partes da Allemanha, entre os quaes se notava o celebre Liszt.

CABO SUBMARINO. Por noticias recebidas directamente sabemos que já partiu para Cabo Verde o material e pessoal relativo ao cabo que ha de ligar a nossa Africa occidental com a Europa. E mais podemos noticiar, que, a não haver algum obstaculo de força maior, o cabo devia ficar assente entre a ilha de S. Thiago e de Santo Antão no dia 7 ou 8 do corrente. Bem haja o sr. Pinheiro Chagas que soube contractar com empreza que cumpre os seus contractos com a maior promptidão.

CAMINHO DE FERRO DE AMBACA. Consta-nos que ha uma proposta para construir este importante caminho de ferro em dezoito mezes! Seria pasmoso, mesmo em Portugal, onde, ha não sabemos quanto tempo, estão concedidos os caminhos de Cintra e de Torres, e ainda a sua construcção está atrazadissima, quanto mais em Africa! No art. 1.º do projecto apresentado ás camaras pelo sr. Pinheiro Chagas, diz-se que o governo o fará executar pelos meios que julgar mais conveniente, e sendo a maior conveniencia n'estes assumptos a brevidade, tanto mais necessaria nas presentes conjuncturas, para oppôr á accusação de desleixo e inercia que nos estão fazendo com relação ao Congo, nós não hezitariamos em acceitar a proposta, nem acreditamos que houvesse parlamento que não approvasse similhante acto do ministro e até com elogio.

INSCRIPÇÃO NA CASA DE DAMIÃO DE GOES, EM ALEMQUER

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A VIDA DAS FLORES. Fasciculo 40 com um chromo «Eglanteria». Edição de David Corazzi.

O PARAISO PERDIDO, de Milton. Fasciculo 13 de 16 paginas e duas explendidas gravuras. Edição de David Corazzi a que já nos temos referido com louvor.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue internationale européenne*, par mr. le baron Stock. — 3.º volume, 2.º semestre. N.ºs 4 e 5 de 15 e 23 de setembro de 1884. Comprehende: *Debats politico religieux au parlement espagnol*, por Castellar; *Folk-Lore*, por A. Machado y Alvarez; *L'orpheline*, por J. Lourenço Pinto; *Le 8.ème péché capital*, pela sr.ª de Rute; *Lettres d'Oriente*, por Mariano de Ortega Morejon; *Courrier des villes d'eaux*, pelo vicomte d'Albens; *Madrid l'été*, por M. R.; *Lettres portugaises*, por M. Letizia de Rute; *Le parlement espagnol*, por L. R.; *S. A. R. le duc d'Aumale*, biographia acompanhada de um bom retrato gravado; *Courrier de l'exterieur*, por J. S.; *Bulletin financier*, por Colbert; *Bibliographie*, por Peregrine; e a continuação das traducções da *Historia do estabelecimento da inquisição*, de Alexandre Herculano e do *Primo Basilio*, de Eça de Queiroz.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... *1884. David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas.* Quarto anno, undecima série. N.º 88 comprehende: — *Lisboa e o cholera, conferencia realisada no salão do theatro da Trindade aos 21 de julho de 1884, pelo professor José Julio Rodrigues.* É a segunda das duas que o illustrado professor pronunciou n'aquelle recinto, sobre aquelle assumpto, e que como todas as outras, ou ainda mais que ellas, attrahiu grande concurso de gente, desejosa de ouvir em breve quadro, resumido tudo o que diz respeito ao terrivel flagello que tantas victimas estava então fazendo em França, que, muitas mais tem feito depois em Italia, e algumas na visinha Hespanha e outros pontos. Os que a não ouviram, podem agora colher na leitura os fructos que outros poderam colher pela audição.

SUPPLEMENTO AO CATALOGO GERAL E DISCRIPTIVO DAS PLANTAS CULTIVADAS NO REAL ESTABELECIMENTO HORTICULA DE JOSÉ MARQUES LOUREIRO, etc., Porto. Folheto de 44 paginas em que se mencionam varias especies novas cultivadas n'este importante estabelecimento.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Continúa a mesma materia, e a extensa nota relativa ás principaes epidemias que invadiram Lisboa, chegando já a de 1598 a 1603, de que ha noticias mais certas, e descripções mais claras como a de Fr. Luiz de Sousa que o auctor aproveita. Os documentos exarados no texto e espalhados pela larga nota são importantes e curiosissimos

A NOVA CASA DA EMPRESA DO OCCIDENTE

TYP. ELZEVIRIANA — LISBOA